



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TIRZHA BARBOSA GONÇALVES

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-125
Entrevistado: Tirzha Barbosa Gonçalves
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: Porto Alegre/RS
Entrevistadores: Ana Paula Duarte
Data da entrevista: 16/09/2005
Transcrição: Marco Antonio Ávila de Carvalho
Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho
Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho
Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho
Fitas: (01 fita) 125/01-A
Total de gravação: 20 minutos
Páginas Digitadas: 8
Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel
Número de registro: 02133/2010/01
Número de registro da fita: 02133/2010/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

GONÇALVES, Tirzha Barbosa. *Tirzha Gonçalves (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o judô: por que da escolha do judô, apoio do pai, amizades dentro do esporte, espaço físico para treinamento; período como mãe e atleta; divulgação pela mídia; exame para faixa preta; treinamento; influência do judô na vida, no dia a dia, na composição física; campeonatos.

Porto Alegre, 16 de setembro de 2005. Entrevista com Tirzha Barbosa Gonçalves, a cargo da entrevistadora Ana Paula Duarte, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.D. – Tirzha, eu gostaria de saber, como foi o teu ingresso no judô, como que tu começou?

T.G. – Eu comecei por volta de 1971 no Colégio São Francisco de Assis. No colégio veio o professor, da época da Stylo¹, professor César Hernandez e ele começou a dar aula de judô. Só que era só masculino. Então, eu fui a única menina do colégio a começar naquela turminha masculina. Fui bem aceita e fui indo. Comecei ali. Fiz até a faixa amarela.

A.D. – Os professores então, era o professor...

T.G. – Professor César...

A.D. – Que idade tu tinha na época?

T.G. – Na época, eu tinha nove anos. Dali eu fiz até a faixa amarela com ele e depois eu saí do colégio e a gente se desencontrou. Passou alguns anos. Quando eu tinha treze anos, deu uma coincidência: eu comecei a estudar na mesma aula da Iara² e eu via aquela menina de Kimono para lá e para cá e, às vezes, terminava a aula, ela com o Kimoninho, pegava e saída. Um dia eu perguntei para ela: “O que tu faz?”, “eu faço judô” e eu digo: “eu já fiz judô”. Depois ela disse: “Eu vou te levar lá então um dia, onde eu faço, na academia onde eu treino” que aí já era na Stylo. Ela me levou e, por coincidência, era o César que dava aula lá [risos]. A gente se encontrou de novo e, a partir dali, eu não parei mais. Voltei de novo ao judô.

A.D. – Na época que tu entrou no judô, porque tu escolheu o judô?

¹ Academia Stylo Judô Clube 1986

² Iara Mary da Cunha Pazos

T.G. – Na época, não sei, eu queria aprender a me defender. Eu era bem magrinha, todo mundo gozava comigo na rua, aquela coisa toda. Eu queria ter, pegar mais massa muscular, ficar com o corpo melhor. Eu me achava horrível. Nem botava saia, porque me achava muito magrinha. Então, eu fui fazer judô porque eu achava... E comecei no judô, comecei a gostar. Na época, não tinha campeonato feminino. Então, ele fazia muitas apresentações com a gente. Tal lugar, tal evento, a gente fazia apresentação de judô. Foi aquilo que incentivava a gente a continuar. É difícil quando tu não tem campeonato, não tem nada. Tu vai perdendo o ritmo. Depois, não sei se em 1979, 1980, que começaram os campeonatos de judô feminino. Só tinha de masculino antes. A gente ia assistir os guris e torcer para eles. A gente não tinha.

A.D. – E a tua família em posição, como que... Ela te incentivava, os colegas, as pessoas que na época eram envolvidas contigo...

T.G. – Era uma coisa que, na época, era muito estranho uma menina no judô. A menina era mais da dança, do ballet. Então, as pessoas não incentivavam muito. Quem incentivou muito foi o meu pai. Quando começou os campeonatos, ele começou a me dar força, viu que a gente ia lá e começava a ganhar. Aí ele começou a me incentivar mesmo, me levava, ia assistir aos campeonatos, dava a maior força. Mas só ele que ia nos campeonatos. O resto da família ninguém participava. Nós éramos por nós mesmo. A gente ia, treinava, passava, às vezes, o dia inteiro na academia treinando. A gente fazia aquele treino que era das oito, vamos supor, a gente fazia muito mais. Corríamos na rua, fazíamos não sei quantas entradas [riso] por dia. A gente queria melhorar. Então, a gente fazia muito mais. Às vezes, final de semana, o César confiava na gente, dava a chave da academia e nós íamos para lá e fazíamos o nosso treino. Assim, a gente foi conquistando algumas medalhas.

A.D. – E os amigos, colegas de aula, de trabalho...

T.G. – Olha, são bem distantes quanto ao judô. Mas, no judô, lógico, a gente faz amizades enormes e são amizades que eu tenho até hoje. Tu vê, vinte e poucos anos, quase trinta anos [riso]. Então, fica aquela amizade que dura, porque era uma coisa verdadeira. A gente viajava junta, passava o dia inteiro juntas, estudava no mesmo colégio, então, treinava

junto. Às vezes, uma perdia, a outra consolava, aquela coisa toda. Então, criou laços assim, que até hoje a gente senta e começa a conversar como se fosse naquela época. A amizade continuou e não houve, por exemplo, o afastamento dos anos não ocasionou nada [palavra inaudível]. Por isso que eu digo: que o esporte traz isso, amizade verdadeira. Isso é super importante eu acho para toda a criança. Isso é muito legal.

A.D. – Como que tu via o espaço físico na época, academia, a estrutura na academia, tu treinava no colégio quando tu começou?

T.G. – Quando eu comecei no colégio, era só aqueles tatames antigos de palha e o meu professor não era faixa preta ainda, era faixa roxa. Ele veio do Uruguai para fazer a faculdade de educação física no IPA³. Ele era uruguaio e ali começou a dar aulinhas de judô. Então, foi tudo início, até o início das aulas dele eu participei, peguei bem no início. Eu acho que a estrutura era pouca, eram só aqueles tatames. Era pouca coisa. Depois sim, quando passou um tempo, ele teve a academia dele e a estrutura era boa. Tinha todas as modalidades. Então, a gente fazia outras coisas para ajudar. Fazia aula de aeróbica, fazia peso. Participamos de outras coisas além do judô para ajudar o judô. Era bem amplo, ele deixava a gente à vontade. Foi bem legal.

A.D. – E, ao longo da tua carreira no judô, tu foi atleta e chegou a fazer algum, teve algum outro tipo de cargo, árbitro e chegou a fazer parte de alguma administração de algum clube, ou de fundadora?

T.G. – No Sport Club Internacional⁴, nós fomos fundadoras. Tenho um certificado “atletas-fundadoras”, porque não tinha judô lá. Então, teve uma época que nós fomos para lá, eu e a Iara, e começamos o judô lá também. De árbitro, não. Só quando eu fui tirar a faixa preta que aí eu fiz um cursinho de árbitro, mas só arbitrei ali para passar no curso, no caso. Mas não assim que nem elas que ficaram arbitrando, porque elas não paravam. Eu casei, já tive meus filhos e, quando eu peguei a faixa preta, minha guriuzinha era nenê. Então, às vezes, no campeonato, seguravam ela para mim competir e depois eu fui largando, porque daí tu tem filho, tem um outro lado. Antes não. Antes era só o estudo e isso. Preenchia toda a

³ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul

⁴ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

minha vida. Às vezes, a gente voltava dez horas da noite para casa, mas os pais sabiam que a gente estava na academia treinando. Depois que tu casa, tem marido, filho, já fica uma coisa mais... Eu me dediquei mais a isso. Larguei fora. Voltei quando o meu pequenininho começou a ter judô na creche, fui lá conhecer o professor, aquela coisa toda e comecei a voltar para esse lado. Ele me convidou para voltar de novo, mas mais como mãe... Trabalho ainda, dou aula de judô, mas assim, comecei a voltar para participar mais com o filho. Aí já voltei e descobri as gurias de novo e voltou tudo de novo [riso]. Agora a gente se encontra em tudo que é campeonato que ele participa, de todos os campeonatos.

A.D. – Falando em datas, quando que tu parou no judô, de competir, de ser atleta, quando que tu acabou voltando...

T.G. – Eu parei em 1981, por aí. Peguei a faixa preta em 1980 e parei. Agora eu comecei quando ele começou com três anos. Agora ele já está com onze. Três anos ele começou na creche, fui lá conhecer o professor e voltei tudo de novo. Ele me incentivou a dar aula de novo, comecei a dar aula – dou aula aqui perto – e voltei de novo.

A.D. – Na época, como que tu via o judô divulgado na mídia? Achava que era pouco divulgado, tinha bastante divulgação?

T.G. – Pelo contrário. Hoje eu acho pouco divulgado. Eu não sei, na época, a gente... Era Correio do Povo, Zero Hora⁵ [riso]. Então, era bem divulgado. Parece que era mais fácil e agora eu acho que é tão difícil sair alguma coisa. Eu acho que era melhor naquela época de divulgar as coisas, eles davam um espaço melhor. Agora não. Parece que está meio apagado.

A.D. – Tu tinha falado que pegou a faixa preta em 1980. Tu chegou a fazer prova, porque a Iara acabou ganhando a faixa preta. Isso foi antes de vocês terem feito a prova?

T.G. – Não. Eu fiz exame para faixa preta. Ela ganhou, acho que depois que ela voltou do brasileiro... Não. Eu prestei exame daí. Fiz os cursos e, alguns cursos, a gente fez antes até. [palavra inaudível] eu fiz com ela, ela fez também antes. Depois eu só fiz alguns outros

cursos para pegar a faixa preta. Depois tem o exame, tu faz o exame. No caso, ela pegou antes, sem exame, por mérito e eu fiz exame.

A.D. – Esse teu exame foi posterior a faixa dela?

T.G. – Foi. Ela pegou primeiro.

A.D. – Hoje em dia, o judô é visto como um esporte elitizado e na época se via também, claro, como um esporte elitizado porque era dado nos clubes e a função de tu precisar de material, isso tudo. Não sei como tu via na época. Chegou a pagar para ter judô?

T.G. – Quando eu estudava nesse Colégio São Francisco, era um colégio particular. Eu nasci em Bagé⁶, vim com nove anos para cá e o meu pai me colocou. Fiquei um ano neste colégio. Aí eu paguei o judô nesse tempo que eu estive por ali, até a faixa amarela. Depois eu nunca mais tive que pagar porque esse nosso professor que veio do Uruguai tinha algum dinheiro. Então, ele montou uma academia, aquilo ele fazia com prazer. Então, aquelas meninas que se destacavam ele não cobrava mensalidade. Tinha aquele pessoal que se destacava, ele não cobrava nem alimentação, nem transporte, nada. Levava toda a equipe para competir. Nunca soube o que era uma inscrição em um campeonato, como tem agora. Ele levou aquilo até... Enquanto tua ia treinando, ele via que tu ia treinando, ele ia dando força para a gente. Essas viagens também, a gente não pagava nada. Nem poderia, porque a gente nem trabalhava na época.

A.D. – Como era o perfil das turmas? Treinava só com as meninas ou era misto?

T.G. – Tinha um treino da noite, treino das oito que era só feminino porque, aqui no Rio Grande do Sul na parte feminina, ele comandava. Nós éramos uma equipe campeã desde o peso mais leve até o pesado. Todas as categorias nós éramos campeãs. Então, ele tinha muito tato com as meninas. Era cheio de meninas na academia. Tinha bastante menina no horário das oito para treinar. Tinha bastante menino de tarde. Então, eu e a Iara,

⁵ Jornais de Porto Alegre

⁶ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

treinávamos de noite e, às vezes, nós visitávamos o treino da tarde para ver como estávamos. Ali ele botava a gente a fazer com os meninos.

A.D. – Tu via alguma diferença de volume de treinamento das meninas para os meninos?

T.G. – Acho que era a mesma coisa. Ele fazia bem forte. Era a mesma coisa as meninas e os meninos.

A.D. – A questão filosófica do judô, todo o aprendizado que o Jigoro Kano quis passar para os judocas, tu acha que isso interfere na vida de um atleta, de uma pessoa que conhece o judô, que conhece a filosofia, que pratica também o esporte?

T.G. – Eu acho que o judô forma cidadão. Porque no judô a competição é individual. Quando tu chega num campeonato, tu perde sozinho, não é uma equipe. Quando é uma equipe, tu assimila mais fácil porque todos perderam, o técnico vai falar com todas. Ali não. Ali, é tu mesmo. Então, tu te torna uma pessoa mais forte, eu acho. E é a vida. Acho que no judô é quem nem a gente é na vida da gente. Às vezes, tu perde, às vezes, tu ganha, tu tem que ter persistência. Então, é a mesma coisa. Eu digo para o meu menino: é a mesma coisa que a vida da gente, é o dia a dia. Conforme tu te comporta na tua vida está ali no tatame. Se tu é displicente, ali tu não vai conseguir. Então, é assim. Eu acho que é bom para aplicar na vida, e nos torna bem forte. Toda criança deveria praticar para fortalecer cada vez mais.

A.D. – Tu chegou a notar alguma mudança, alguma diferença no teu comportamento com a interferência do judô ou tu sempre teve, mais ou menos, este tipo de atitude?

T.G. – A gente começa a compreender outras coisas e assimilar melhor as coisas do dia a dia. Fica bem melhor.

A.D. – Na época, tu sentiu algum tipo de preconceito no colégio, ou dos próprios colegas do judô, ou das pessoas que olhavam de fora. Como é que tu via isso? Tinha algum preconceito?

T.G. – Não. Eu peguei uma época que o presidente da federação vinha, dava o maior apoio para a gente. Nós não tínhamos campeonatos, mas fazíamos a mesa, participávamos. Estávamos sempre ajudando ali na federação, então, éramos tratadas muito bem. Não vi nenhum preconceito quanto a isso. Por exemplo, quando eu e a Iara fizemos [palavra inaudível] éramos as únicas meninas. Então, só os que iam fazer faixa preta e nós. Eu era laranja e ela era verde. A gente foi, tiramos uma nota muito boa. Tínhamos espaço para isso e, quando a gente ia para os treinos de seleção, tinha os faixas preta com a gente e nunca fomos discriminadas. Era de igual para igual. Era bem legal.

A.D. – Com a intensidade do treinamento vocês sentiam alguma modificação no corpo, de massa muscular, de ficar forte?

T.G. – Teve um época que eu fiquei assim, de tanto treinar só para um lado, eu me olhava no espelho e fiquei defeituosa num lado. Começamos a treinar nos dois lados. Treinávamos demais, era aquela coisa toda. E era legal. A gente se sentia bem, saía do treino suada, mas permanecia feminina porque a gente sempre passava cremes, botava brincos, pulseiras, vaidade. Sempre permaneceu aquilo ali. E era comum, tu te sente bem quando pratica as coisas. Tu sente bem, teu corpo. Então, era legal, bem legal.

A.D. – Como eram organizados os campeonatos? Tu vê alguma coisa diferente, as categorias de repente...

T.G. – Sim. Agora é diferente os nomes das categorias. Estava até olhando ali no jornal, “pluma”, “super-ligeiro”, “ligeiro”, mudou algumas coisas. Os campeonatos agora... São mais campeonatos. Antes não. Antes era metropolitano, citadino, estadual e brasileiro. Era assim. Não eram tanto como tem agora. Agora tem bem mais campeonatos. Ao menos o feminino. O masculino acredito que já era mais do que nós.

A.D. – Tu tem alguma coisa que tu lembre da época que tu gostaria de acrescentar, da rotina de vocês talvez?

T.G. – Eu me lembro que a gente saía do colégio, do colégio a gente já levava o lanche e daí a gente já ia para a academia treinar e só voltava de noite. Voltava feliz da vida. Então,

era a nossa vida aquilo ali. Foi por muito tempo aquela rotina. Nossa vida. A gente só pensava em campeonato [risos]. A gente tinha tempo para isso porque a gente só estudava na época. Depois sim que a gente começou a trabalhar. [silêncio]

A.D. – Por que tu incentivaria a mulher a fazer o judô hoje, a fazer esporte?

T.G. – Eu acho que eu incentivaria a fazer o judô porque acho que ele é bem completo. Tu trabalha a tua mente, trabalha o corpo. Eu acho que a mulher precisa ser um pouquinho mais fortinha [riso]. Não assim, tão... Não sei... Eu gosto assim porque eu acho que outro esporte mais lento, não daria bem comigo. Eu não sei. Eu acho que o corpo fica bonito, não fica demais musculosa e não fica tão delicada. E faz bem para a cabeça.

A.D. – Eu gostaria de agradecer o teu depoimento.

[FINAL DO DEPOIMENTO]